

# MILHA 12

M  
12  
GAZETA

## GAZETA CULTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Número 1  
13 de dezembro 2023

Ilustração PM





## Um poema em tempos de guerra

### EDITORIAL

Caro leitor:

A expressão não é nova, tampouco inovadora. Contudo é bastante usual entre os mais jovens quando se querem referir a algo que pode suscitar divergências opinativas e diálogos mais acesos.

Transpondo esta explicação para a gazeta cooltural que hoje dá o seu primeiro passo e inicia (espera-se!) uma longa viagem, também o **Milha 12** veio para *"por fogo no parquinho"*, desassossegando tudo e todos para a forma como olhamos para o que nos rodeia. Basta, para isso, que os leitores estejam abertos e recetivos a outras opiniões que não as suas próprias e que disponham de um pouco do seu tempo para fazer as suas leituras, entre linhas, imagens, metáforas e oxímoros.

Que reine a liberdade de opinião, que governe o bom senso, mas, sobretudo, que o tempo gasto a ler esta gazeta seja uma mais valia na construção de olhares diversos sobre a(s) arte(s) e a cultura nacionais.

Boas viagens com o Milha 12.

Cavo a trincheira da estrofe  
com as minhas próprias mãos  
os versos esses  
entranham-se debaixo das unhas  
que as ratazanas roeram  
durante o cerco ao poema

Já na vala funda da página  
tacteio no céu o voo branco da pomba  
e peço-Lhe um sinal  
que seque toda a lama  
que me encharca a alma  
pois só me resta uma lata de atum  
e de pão  
duas côdeas

e eis a pomba!

jaz  
no terreno fértil das metáforas  
e todo o silêncio do mundo  
se insinua de elmo feito sobre mim  
esguio e sombrio  
entre as rajadas de morteiro  
e a dança das espadas

mas eu sei,  
sei que ele ainda ali está  
à espreita o inimigo  
à espera de um tiro  
certeiro golpe de misericórdia  
e ferido  
sem munições nem orações  
suspiro  
para que o Poema acabe  
contigo.

Vítor Fontes  
Vila Nova de Gaia, 9 de novembro de 2023

**Atenção! Está a ler esta gazeta por sua conta e risco!**

# Uma carta do menino da pilinha !

Pessoa amiga entregou-me uma via da carta que abaixo está transcrita e que terá sido colocada nas caixas de correio dos oliveirenses mas (quase) nenhum terá dado atenção, talvez pensando ser publicidade não solicitada.

É chegado o momento da sua divulgação.

Carlos Cunha



*“Caros e caras oliveirenses, não sei quando esta minha mensagem vos chegará. Até poderá acontecer que nunca seja recebida. Todavia, por imperativo de consciência, faço a tentativa.*

*Sei que está assente para todos vós que eu fui furtado, pela calada da noite. Talvez até tenha sido feita uma queixa às autoridades contra incertos.*

*É chegado o momento de desvendar o que, na realidade, aconteceu: fui eu, de livre e espontânea vontade, quem desertou do meu poiso de décadas!*

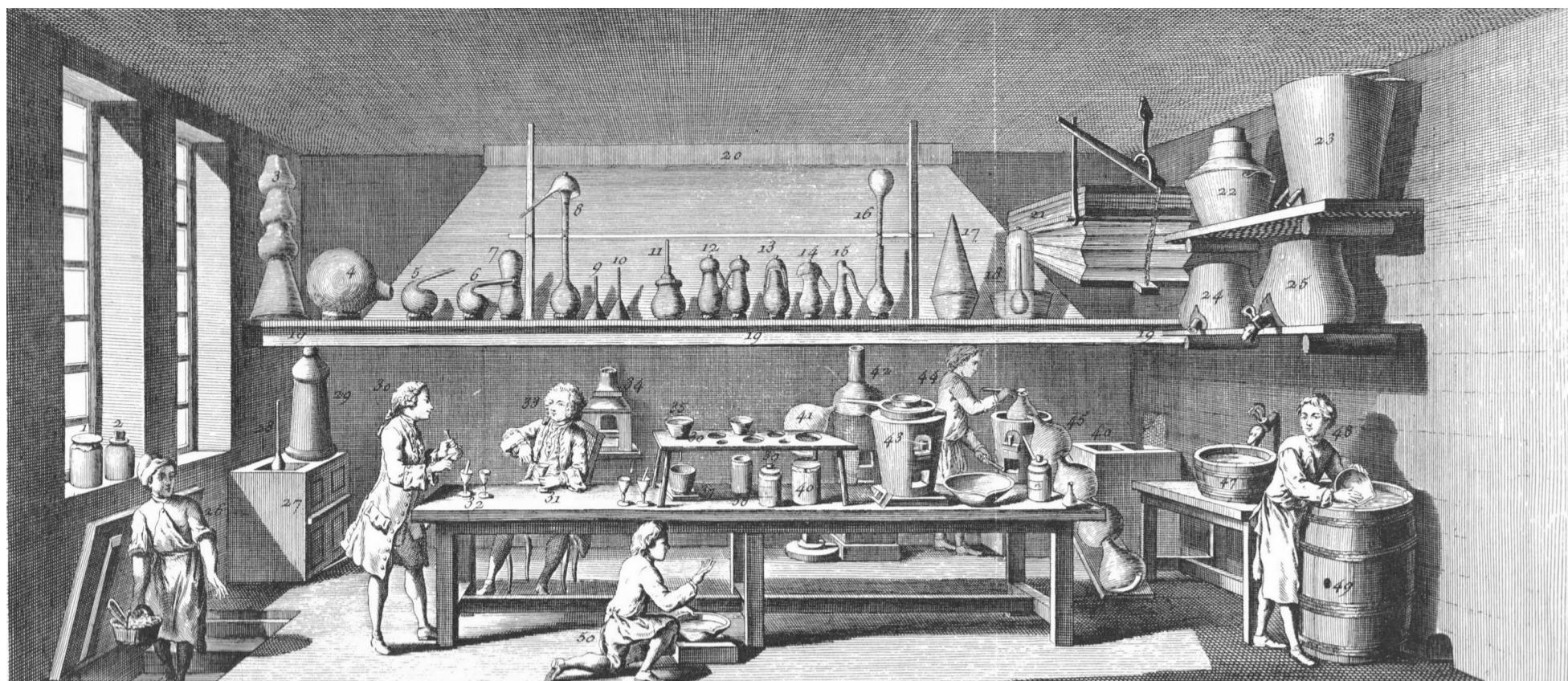
*Depois de fecharem as vossas bocas abertas de espanto e uns audíveis “Oh!”, saibam que estava farto, sim, farto de estar naquela posição, estático, no cimo de um pedestal, sempre incomodado pelo ameaçador guerreiro postado nas minhas traseiras – salvo seja – e a senhora, algo desnuda, postada na minha frente, espada em prontidão. E eu, ali, quieto, mudo e calado, a ouvir as ameaças do soldado para a senhora e desta para o soldado.*

*Estava farto de passar horas e horas fingindo jorrar chichi (salvo quando cortavam a água). Estava farto de ver, apontados para mim, espetados dedos indicadores das criancinhas dizendo “Olha! olha! Aquele menino está a fazer xixi!”. Muito se riam elas.*

*Eu é que não achava graça. Estava farto de esperar, pelo menos de vez em quando, que tratassem da minha delicada pele. Ali estava ao sol, à chuva. Bem, o pior eram as cagadelas das aves. Incomodavam-me mesmo. Parafraseando um poeta, “viver ali - imóvel, exposto, abandonado - também cansa”. Por tais e outras razões, decidi partir. Sim, de noite e depois de me assegurar que o Pescadinha e os guardas nocturnos Ramos e Alvarinho já não me impediriam de partir para outra dimensão. Uma dimensão líquida que dará origem a outra figura que um dia será objecto de inauguração, com pompa e circunstância.*

*Espero que os oliveirenses me desculpem.*

*O menino da pilinha”*



Gravura extraída de "L'Encyclopédie" de Diderot et D'Alembert - Tomo "Sciences - Chimie - Planche 1<sup>re</sup>"

## AULA DE QUÍMICA COM TPC

O Laboratório de Química do Colégio ficava no edifício novo, ao fundo de um corredor por onde se acedia a três outras salas de aula.

Os exames do 7.º ano incluíam provas práticas de Físico-Química e de Ciências Naturais.

Tínhamos um excepcional professor de Ciências e de Física. O competíssimo e muito exigente Dr. Vide. Apesar de ser uma personalidade austera, na época de exames, deixava os alunos irem para os laboratórios praticarem as experiências que poderiam sair nas provas laboratoriais.

Deixava-nos mais ou menos à vontade. Depois de uma pequena preleção de apelo ao nosso sentido de responsabilidade, usávamos os laboratórios livremente.

Naquele dia estávamos no Laboratório de Química que é um mundo de possibilidades. Pode-se fazer desde a mais inócuia experiência até outras que poderemos classificar de feéricas, pois roçam o fogo de artifício.

Naquele dia ficámos a meio caminho.

Resolvemos esquecer a preleção sobre o sentido de responsabilidade e fazer um pouco de ácido sulfídrico.

O ácido sulfídrico apresenta-se sob a forma de gás incolor com um forte e desagradável cheiro a... ovos podres.

Era época de exames. Estava muito calor. A porta do laboratório estava aberta bem como as de todas as outras salas de aula ao longo do corredor. Escapando-se pela porta do laboratório começou a espalhar-se o gás sulfídrico. Uma onda nauseabunda avançou pelo corredor, inundando o edifício, sala após sala e sabotando todas as aulas em curso!

Não demorou a aparecer o Dr. Vide, muito zangado com a nossa falta de responsabilidade e com a quebra da confiança que tinha depositado em nós.

Cabisbaixos, vexados, pedimos desculpa.

O Dr. Vide permitiu que continuássemos a usar o laboratório.

No dia seguinte lá estávamos de novo e resolvemos compensar os nossos colegas que tinham sido gaseados.

Do programa do 7.º ano fazia parte o estudo dos ésteres. Os ésteres são umas substâncias simpáticas de grande utilidade na nossa vida. Resolvemos fazer a síntese laboratorial de um éster específico: o butirato de etilo. Esta substância pode ser sintetizada pela reação de etanol com ácido butírico (fica aqui a receita...)

Ah! Então sim! Um agradável aroma, de fazer crescer água na boca, espalhou-se pelo Colégio, redimindo a nossa turma da maldade do dia anterior.

Que aroma era esse? Isso terá de ser o leitor a descobrir. Eu avisei logo: "Aula de Química com TPC"!

José Brandão de Sousa

Ao Heriberto Helder

Em ti havia toda a poesia  
As pedras das palavras deslumbrantemente limpas  
A frase a brilhar polida  
A água pura da leitura levada ao limite como um rio a  
forçar a loucura  
A loucura das margens da ternura e da alegria...

Crataegus M.



# Retirei o elefante da sala

Há tempos sugeriram-me um livro: "A viagem do elefante". Isto depois de uma discussão sobre a escrita de Saramago e o personagem e o seu ego. Abreviando a discussão e para que possam perceber, para mim Saramago é tão importante como Ronaldo: não gosto particularmente de nenhum dos dois e respeito-os e estou-lhes grato porque Portugal necessita deles e dos seus feitos para se dar a conhecer ao mundo.

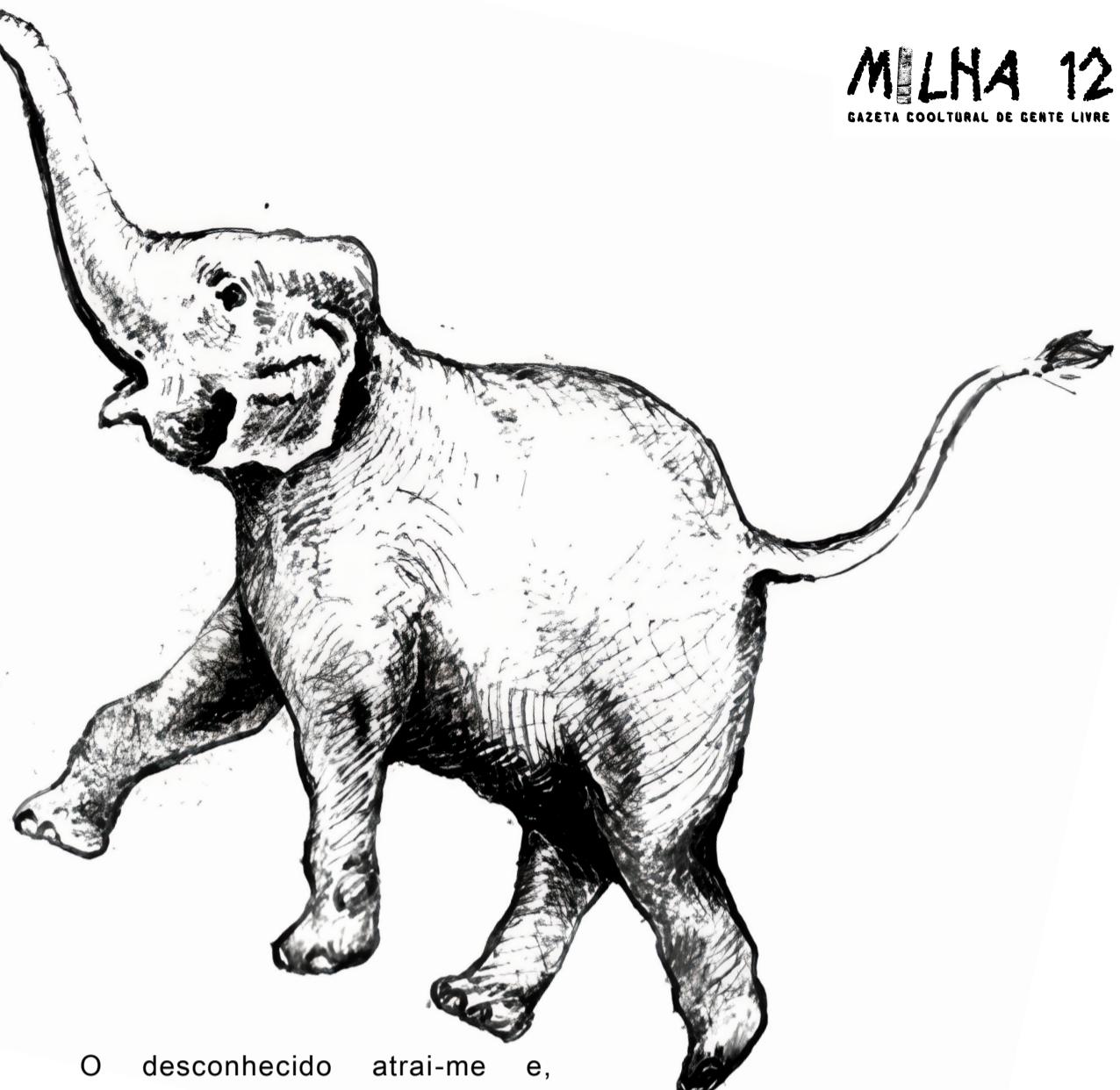
Foi uma redescoberta de Saramago, com uma amplitude que eu não estava à espera: ri-me como se estivesse a ler uma comédia. Depois de ter lido "Memorial do convento" "e de ter apreciado bastante a mescla entre o tempo da narrativa e a acção", os *cadernos*, o "Ano da morte de Ricardo Reis", "A jangada de pedra" e a ideia de uma ibéria que Antero Quental já tinha abordado, foram enfadonhos para mim.

Aqui, os diálogos de Sua Alteza Real, as interjeições, o sinónimo no sítio certo; o jeito de querer parecer mais do que se é, usando um elefante sujo e um cornaca que eram um estorvo para os lados de Belém, para impressionar o genro do todo-poderoso Carlos V.

Um oficial do exército com problemas de hierarquia e consciência, porque sabia o que tinha de ser feito e o que deveria ser feito.

Maximiliano II, com uma snobeira tão grande que decide trocar os nomes apenas e só para lhe dar jeito na dicção e memória, no intervalo de fazer mais um filho. Será que Tarantino se inspirou aqui para os diálogos de Landa com os seus subalternos?

Tudo isto tendo como mote uma história verídica - contada por Saramago - de um Elefante que viajou de Lisboa até Viena, via Valladolid, e que o Nobel da Literatura descobriu quando jantava num restaurante na capital austríaca.



O desconhecido atrai-me e, obviamente, aceitei a sugestão e li o livro. Pensava que estava a dar uma oportunidade a Saramago: aproveitei todos os bocadinhos livres que tinha para o fazer, tendo-o levado numa viagem relâmpago a Paris - no bolso do casaco que não era o melhor para a reunião mas o mais apropriado para tal objecto! -, para aproveitar a viagem de avião para o acabar, porque me senti atraído pela escrita e narrativa.

A oportunidade não foi a Saramago, foi a mim. Quem sou eu ao lado de um Nobel?!

Já tenho "As intermitências da morte" e o "Homem duplicado" na mesinha de cabeceira, juntamente com "Os pobres", de Maria Filomena Mónica, a fantástica biografia de Natália Correia escrita por Filipa Martins e, por tradição, "Asterix e o lírio branco", escrito por Fabcaro, que recuperou o humor inicial de René Goscinny, transportando-nos, numa visão Orwelliana sobre o perigo do controlo da linguagem.

As aventuras de Salomão e de Subhro são, para o autor, uma metáfora do nosso quotidiano. Não poderia estar mais de acordo, e diria que são uma viagem ao interior de cada um; porque certamente cada um de nós já teve, um qualquer acesso, aquele tipo de pensamento.

Conheço casos de pensamentos eternos!

João Rebelo Martins



## DOS GRILOS

A caça ao grilo é uma especialidade venatória, um tipo de caça grossa, a seu modo. Exige perícia, adestramento. Muita sensibilidade, delicadeza. E longo trabalho de campo. Tal como para fera de África, esta valência cinegética dispensa licença, ao contrário da banal caça à perdiz, ao coelho, ou da pesca à linha no paredão.

A abordagem da peça faz-se ouvindo, com ventos contrários, pés a levitar. A acção decorre no tempo quente, que, no frio, enrouquecidos, os grilos migram para o ventre terrestre, em busca do calor do magma. E ressuscitam na época canora.

Misteriosamente.

O canto é a suprema qualidade do espécime. Na natureza abundam outros cantores: ralos, cigarras, camponeses na ceifa. E, modalidade luminosa, os pirilampos. Os grilos canoros têm dois rabos; com três tornam-se ensimesmados, melancólicos, não cantam: chamam-lhes *grilas*. Também *pútegas* e outras aleivosias.

Quando albinos, dizem-nos *grilos brasileiros*. Todas estas espécies escavam entre a erva uma toca, bastante redonda, de pequeno calibre.

Para o exercício cinegético, utiliza-se uma haste vegetal, que, depenada das derivações, se transforma na arma poética usada pelo caçador à porta da lura, cócegas delicadas, tal qual mãos apaixonadas no ouvido da namorada. Até ao êxito ou fracasso da abordagem. Como no amor.

Desafio de monta para qualquer um, aos sete anos de idade. Às vezes menos.

Augusto Baptista

**FICHA TÉCNICA**  
Milha 12—Gazeta Cooltural  
13 de dezembro de 2023  
Próxima edição - março 2024

**DIRETÓRIO COLETIVO**  
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa |  
Paulo Monteiro

**MORADA**  
Rua António Bernardo 500, 2<sup>a</sup>fase, 5<sup>º</sup>Esq  
3720-301 Oliveira de Azeméis

**DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA**  
Paulo Monteiro

**COLABORADORES DESTE NÚMERO -**  
António F. Pina | Augusto Baptista | Carlos Cunha |  
Helena Terra | João Rebelo Martins | José Brandão de  
Sousa | José Carlos Soares | Luís Quintino | Magui  
Ramalho | Matos Barbosa | Mário Rui Lopes | Nuno Araújo  
| Paula Sousa | Paulo Monteiro | Paulo Moreira | Rosa  
Melo | Soraia Besteiro | Vítor Fontes

**IMPRESSÃO** - Graficamares, Lda  
Rua Parque Industrial Monte de Rabadas, No 10  
4720-608 Amares

Depósito legal -

TIRAGEM - 120 exemplares

Proprietário - CLOA

CONTATO - [milhadoze@gmail.com](mailto:milhadoze@gmail.com)

O Milha 12 não assume qualquer responsabilidade pelos benefícios que a sua leitura lhe possa causar!

# Zum, Zum, Zum,

O medo de insetos zumbidores, como abelhas e vespas, é uma ocorrência natural para muitas pessoas. Esse medo está relacionado com preocupações com a autodefesa, pois a picada de alguns desses insetos pode ser dolorosa e, em alguns casos, até perigosa, especialmente para pessoas com alergias. No entanto, a forma como se descreve o instinto de reação contra violência a esses insetos pode ser prejudicial, tanto para o humano quanto para os próprios insetos.

É importante lembrar que a maioria das abelhas e vespas não ataca a menos que se sintam ameaçadas.

Muitas vezes, elas estão apenas em busca de néctar e não representam uma ameaça direta para os humanos.

Quando reagimos com violência, podemos causar danos indiretos a estes insetos e, em última análise, contribuir para a redução de espécies de polinizadores essenciais, como as abelhas.

Em vez de reagir instintivamente com agressão, é aconselhável tentar controlar o medo e aprender a lidar com a presença de abelhas e vespas de uma maneira mais segura. Isso pode envolver a busca de informações sobre o comportamento desses insetos e técnicas para evitar confrontos.

Não usar roupas coloridas que possam atrair insetos zumbidores. Ao sentir um medo debilitante será aconselhável procurar ajuda de um profissional de saúde mental para superá-lo de forma mais eficaz e saudável. É preciso afirmar o papel vital que as abelhas têm na polinização das plantas, que é fundamental para a produção de alimentos e a necessidade de promover a coexistência pacífica com esses insetos sempre que possível.

Paulo Monteiro

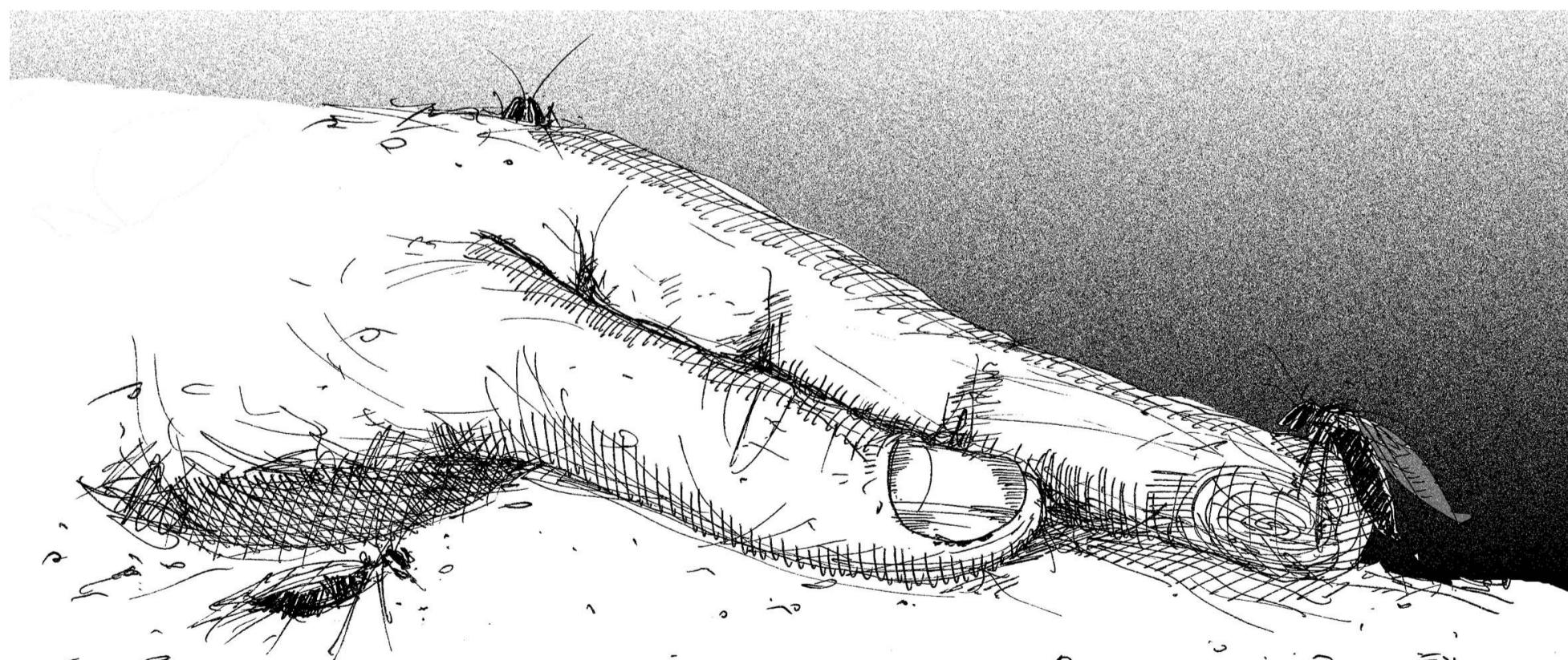


Ilustração Luís Veloso



## A SELVA NO PARQUE

Oliveira de Azeméis teve a sorte e o destino de, num dia feliz para todos nós, alguém se ter lembrado de domar a proliferação dos pinheiros no cimo de um monte e nele ter instalado uma pequena amostra de paraíso, a que viria a dar o nome em terras lusas pouco costumeiro de La Salette.

La Salette ergue-se orgulhosamente sobre a paisagem e, divisando o mar em contemplação, vai derramando como dom uma verde serenidade sobre as populações que pintam os outeiros.

Já é um hábito esticar os ossos por essas paragens em pequenas caminhadas no silêncio zumbidor de vozes distantes e gorjeios elegíacos.

Todos procuramos um elixir que nos resguarde saudáveis e nos faça manter a presença de espírito numa época em que ser louco já é uma forma elevada de civilização. Ora como eu por enquanto ainda não ambiciono tal avançado estádio nesta caminhada da evolução humana, vou tomando pílulas de parque e de verde que me equilibram na balança da escala da esquizofrenia.

Num desses dias em que o parque ganha tonalidades diversas e jogos de sombras primaveris, cirandava sem tino por entre as camélias e os vetustos carvalhos que teimam em manter-se por ali. Analisava geometricamente os ramos que traçavam no ar linhas, formas, direcções como se houvessemos de as seguir na procura do desvendamento de algum enigma. Às tantas tropecei numa raiz imodesta que eu diria ter-se propositadamente erguido para me pregar uma partida.

O meu rosto coseu-se com o chão – “olá como estás?”. Numa tontura de obscuridão, e no esforço por adquirir de novo a honrada posição de homo erectus, ecoou a voz de alguém num português írmão: “Cê tá bem, seu Alberto?” Não comprehendi, tal era o tonto nevoeiro em que ainda boiava.

A estranha figura humana continuava a mirar-me, a perscrutar o olhar semiperdido que eu expedia. “Cê tá bem, seu Alberto?” – repetiu. “Cê tombou de bruços nessa sapopema.” E afirmava ser Firmino e eu Alberto. Rebusquei nas gavetas da memória alguma correspondência àquela andrajosa figura de adusta fisionomia, mas nada. Fui ainda mais longe, num esforço quase milenar, remexer os baús da infância onde tantas vezes estão as explicações e as profundas motivações do que somos e do que fazemos no presente, como teorizam os psiquiatras de larga testa. Mas nem daí surgia qualquer retrato, careta, esboço que encaixasse na máscara que ali se me prantava naquele instante. “Vamos, seu Alberto, que o caminho é longe.”

Eu balbuciava palavras remendadas tentando negar-lhe aquele novo apadrinhamento, que eu já tinha nome e não era, juro pela minha mæzinha, «seu Alberto». “Seu Alberto, é Firmino, aqui. Cê tem que levantar. A estrada nos espera.”

A luz, diferente da que eu conhecia, fazia bailar fantásticas sombras nos troncos das árvores, criando ângulos, galerias, salas num entontecimento obtuso de prisma. E que árvores eram aquelas, que tudo ocupavam, que comeram os restos de azul do céu, que ganharam hastes, ramos, galhos, tentáculos e surgiam em trama urdida com alma e garras de fera esfomeada? E depois, aquele Firmino... Eu Alberto... “A igreja? E os barcos que costumavam estar no lago? E... o lago que estava ali?...” – inquiri eu. “Quais barco, seu Alberto! O Justo Chermont há muito que já largou. E não tem lago aqui nenhum. Só o Madeira. Tá com vontade de regressar?

Eu também queria, mas ainda tou devendo a seu Juca um conto e duzentos.” E num rasgo de nua lucidez, tudo comprehendi: «A Selva». Estou na Selva!

Andara muitos dias a remoer aquele livro, aquele livro que ressudava humidade, onde já os dedos leitores encontravam, anelados, restos de ávidas lianas. Mas sempre delas me livrara.

Ter-me-ia eu enfrascado tanto na leitura, qual D. Quixote, que tudo quanto lera se transformara em realidade? Ah!, engenhoso fidalgo, insensatos aqueles que te julgaram louco quando tu és apenas a consubstanciação da nossa mais etérea e frágil humanidade!

E, no entanto, tudo ali estava. A estrada das seringueiras que percorríamos continuava, interminavelmente. Ali, onde antes havia um coreto e uma estrada de terra de chão firme, havia agora miríades de variedades de plantas, arbustos, cipós, palmeiras. Era tão densamente povoado este reino vegetal que só com muita atenção me apercebia dos insectos polícromos e dos répteis monstruosos que surdamente coleavam. Assumi o heterónimo de Alberto e agarrei-me de medo infantil ao braço de Firmino. Às vezes ainda um aroma intenso rescedia no ar provindo não sei de que jardim original. E surgia-me a imagem das camélias do parque. A luz que rompia as altas ramagens derramava-se em lâminas e vinha escorrendo confortavelmente pelos troncos até à tapeçaria verde. Lá no alto novas sombras bailavam em galerias de luz e nós éramos os espectadores de uma qualquer peça de teatro chinês. Mas esta imagem de serenidade depressa se dissipava. Regressava ao braço de Firmino e só agora comprehendia o esmagamento tirânico daquele emaranhado de ramos e galhos de cruéis egoísmos.

O tecto das árvores fechava-nos numa sala de braços vegetais e ia jurar que vi alguns dos ramos – que o facalhão de Firmino degolava para nós passarmos – tornarem a nascer. Aquela voracidade de verde sufocava. “Quando chegamos?” – perguntei. Caminhávamos depressa. “Já estamos perto. O sítio de seu Juca é já ali.” Juca Tristão, lembrava eu, aquela figura de opressão que encarcerava os seringueiros nas dívidas eternas da viagem e da cachaça. O negro Tiago é que tinha razão. Esse desengonçado, que trará com o fogo o inferno ao Paraíso, esse é que tinha razão. “Talvez se lembre de atear os lumes a esta selva que também nos não liberta.” Já nem sei bem o que digo, tal o tumulto anacrónico que concebo, numa mistura de tempos e de realidades. Ainda o negro Tiago não tostou Juca Tristão e já eu o condeno perante o leitor de um segundo crime pela minha liberdade.

Caminhamos agora mais depressa. Sinto que Firmino está tenso. Olha em redor insistentemente, mão direita colada ao facalhão, rosto hirto e enrugado. Parece uma fêmea em alerta. “Seu Alberto, cê tem que correr. Tão aí os parintintins.” “Quem? Os índios? Aqueles que cortam as cabeças?” – atalhei eu, sem saber como resgatara tão brusca sabedoria. “Sim.” – respondeu secamente. Desatámos a correr e de imediato surdos assobios ecoaram na floresta.

Passos rápidos, de corrida, sobre as folhas, se lhes seguiram. Firmino abrindo caminho por entre a densa ramagem. Eu rezava confusamente, e La Salette misturava-se nos túneis da mente com este inferno verde. A perseguição continuava. Não aguentaria. O parque por onde antes poeticamente vagueava era agora um infundável corredor vegetal e para onde corresse sempre seria o mesmo corredor, repetido ou a repetir-se como uma riscada fita cinematográfica.

Sufocando na humidade, os pulmões a estoivar, sentia a aproximação do cortejo assassino. Abrandei. Olhei uma última vez para cima e vi um farrapo de azul celeste. Antes de tombar, ainda ouvi um assobio de flecha.

“Já aí vem a ambulância! Afastem-se! Deixem-no respirar!” Nevoeiro outra vez. Esforço-me por ajustar o olhar, focar com maior precisão. Lá estava o santuário, ainda rodando, pleno, cinzento, erguido sobre o outeiro. E o parque La Salette inteiro, leve, serpenteante, com os seus caminhos de terra avermelhada e os seus exíguos roseirais. O lago, esquecidamente quieto, sustentava os batéis coloridos. E eu ainda aturdido sem saber como fora parar à inexorável grandeza da Amazónia.

Com um resto de pluma de arara na mão, ergui-me e fui-me embora, esquecida que já estava a ambulância. Pulsava-me na mente a frase do escritor: «Não esqueço a selva. Dominou-me com o seu mistério e com a sua soberania.»

O seu espírito, o do escritor, ciranda por estas paragens. Talvez um dia também tu, inadvertido leitor, por aqui o encontres.

José Carlos Soares



Hoje, quebra a rotina. Leia o Milha 12 de trás para a frente!

# Conflitos e religião

Certa vez, alguém disse que os problemas do mundo começaram quando as zebras com riscas brancas passaram a odiar as zebras com riscas pretas. Esta consideração mostra-nos que mesmo sendo iguais, as diferenças levam-nos invariavelmente por caminhos de intolerância e ódio.

Desde o alvorecer da humanidade, o desenvolvimento de diferentes civilizações geograficamente isoladas proporcionou a criação de culturas distintas que se traduziram também no surgimento de diferentes sistemas de crenças e religiões. Ao longo dos séculos, os movimentos de migração e de expansão conduziram a que diferentes grupos étnicos desenvolvessem relações comerciais, mas também ocasionaram disputas territoriais e rivalidades culturais e políticas que recorrentemente se consubstanciaram em posições de conquista e de domínio, tendo muitas vezes as divergências religiosas como fator catalisador. Uma breve revisão histórica permite-nos claramente identificar as Cruzadas medievais como exemplo muito elucidativo desse embate, opondo cristãos e muçulmanos pelo controle da "Terra Santa". Mas também as guerras religiosas europeias, após a reforma protestante, causaram banhos de sangue entre os próprios cristãos, divididos já anteriormente entre católicos e ortodoxos, que se opuseram ferozmente devido a diferentes interpretações da mesma fé.

Na Ásia é bem conhecida a rivalidade entre professantes das fés islâmica e hindu que originou a partição da Índia e deu origem a um novo estado, o Paquistão. E estes são apenas alguns exemplos, aos quais poderíamos somar o conflito israelo-palestiniano e a recente história da Irlanda do Norte.

Nas últimas décadas, novos fatores como a globalização, os avanços tecnológicos e diversas alterações sociais contribuíram para o agravamento das tensões religiosas por todo o globo, com as redes sociais a potenciarem de forma "explosiva" a amplificação de conflitos e a radicalização de indivíduos e comunidades sujeitos a verdadeiras "bolhas" informativas.

A intolerância religiosa recrudesceu e originou movimentos terroristas de que são exemplos o ISIS e o Boko Haram. Em pleno século XXI continuam a existir estados teocráticos como o Irão e a Arábia Saudita, rivais na fé, divididos que estão entre xiitas e sunitas.

Trata-se, portanto, de um problema global de difícil resolução. Se é verdade que o advento do humanismo e a progressiva secularização da sociedade ocidental diminuíram drasticamente a influência da religião em parte do mundo, noutras partes continua-se a verificar um incremento da doutrinação religiosa fundamentalista em países com um crescimento demográfico acentuado.

A criação das Nações Unidas foi um importante passo político, mas insuficiente para dirimir as tensões e rivalidades. E a publicação da Carta Universal dos Direitos Humanos foi um farol cuja luz não chega para penetrar nas trevas do dogmatismo religioso. Paradigmático é notar-se que as diferentes religiões, criadas também para conceder às sociedades normas de conduta, muito mais do que aproximarem a humanidade, seccionaram-na na justa medida que cada uma reivindicava para si própria o monopólio da verdade "revelada" em cada livro "sagrado", por oposição aos demais. As três fés abraâmicas - judaísmo, cristianismo e islamismo - fundadas no mesmo conceito de deus, cada qual já subdividida em tantos ramos e derivações, continuam a opor-se ferozmente em tantos palcos e trincheiras, muito para além das pregações das sinagogas, igrejas e mesquitas.

E pese embora muitos líderes religiosos sejam obreiros da paz e o ecumenismo uma prática admirável, a intolerância, o conservadorismo e a radicalização continuam a encontrar terreno fértil para medrar.

Algumas ações concretas podem, no entanto, contribuir decisivamente para a minimização progressiva deste problema. A promoção da tolerância e dos Direitos Humanos, as políticas governamentais inclusivas, o acesso à cultura, o ensino da história, a educação laica, a mediação de conflitos por entidades neutras, a cooperação internacional, o diálogo inter-religioso, a efetividade da justiça com a responsabilização dos crimes de ódio, a inclusão da sociedade civil e uma comunicação social isenta e responsável são algumas delas. Trata-se, na verdade, de uma tarefa hercúlea para a humanidade, a única a quem compete tal missão, visto que deus (qualquer um, de qualquer religião) pouco ou nada parece interferir para impedir que os seus filhos se matem uns aos outros e não se terá lembrado ainda de escrever de forma inequívoca o que a todos agrada. Nos tempos do politeísmo, gregos e romanos criaram diferentes deuses com as virtudes e defeitos humanos. Essas continuam, mas o que era religião agora é mitologia. E ninguém mata ou morre mais por deuses que já não existem. Que a História nos ensine sempre!

Nuno Araújo e Paulo Moreira

Ilustração PM



# Era uma vez...

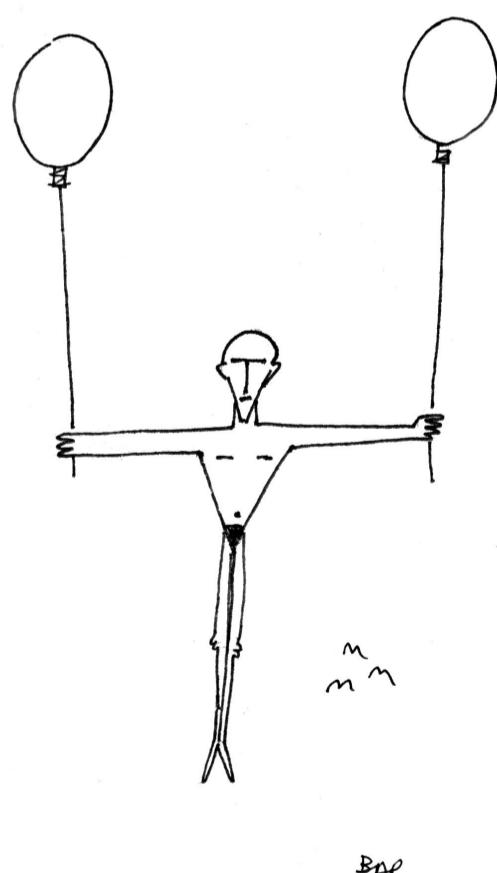


Um país distante, asiático, problemático, mas de gente simples. Primeiramente, foi invadido pelos japoneses, mais tarde, foi colonizado pelos franceses. Em plena Guerra Fria, quando os americanos tentavam reduzir ao mínimo a influência soviética na Ásia, acabaram por tomar o lugar dos franceses. Sob a narrativa de uma cruzada anticomunista, começaram a enviar soldados disfarçados de "consultores". Mas a verdadeira guerra tinha começado antes, quando as populações locais iniciaram, por sua conta e risco, um vasto movimento de resistência contra os franceses.

Os ditos "consultores" acabaram por escolher um dos lados do conflito, que a comunicação social ocidental apelidava de lado bom. Um lado que apoiava um líder local sanguinário que fomentava o terror e a perseguição aos camponeses. Bombas de napalm sobre as populações locais, bombardeamentos massivos de aldeias e cidades indefesas, bem como a morte sistemática e em grande número de jovens militares americanos.

Um general, chefe das operações militares, indicou a morte de 40.000 cidadãos locais só em 1962. Entretanto, aquele teatro de operações servia para experimentar armas químicas e bacteriológicas, táticas de guerrilha, e muito mais. Tudo muito distante das fronteiras nacionais, como convém.

Eu poderia continuar o rol de descrições macabras, mas não o vou fazer. Aquilo que me interessa ressalvar é a repetição cíclica dos cenários de guerra onde as pessoas se matam a troco de preconceitos. Mas terão o direito de perguntar: Afinal, como tudo acabou? A guerra do Vietname terminou quando a resistência no interior da América tornou impossível a sua continuação. Foi um imperativo ético, ou, se quiserem, um sobressalto cívico que inundou as principais cidades americanas de manifestantes reclamando o seu fim. É sempre assim: primeiro, as bombas, depois, a consciência da nossa frágil Humanidade. É assim que terminam as guerras.



Luís Quintino



## A estrela

Magui Ramalho

A terra que a sustentou  
Foge-lhe agora dos pés

A segurança se ausentou  
E o medo se instalou  
Ficou

Ali, naquele cenário  
De tela a preto e branco  
Reluziu entre tal calvário  
Um brilho de luz solidário

Extraordinário  
Do meio dos escombros, perdida  
A estrela fez-se presente  
Lembrando à inocente que sente  
Dores maiores, antes de ser gente

Crente  
De uma fé por sustentar  
Acreditou, no sinal especial

## Cartas a Margarida: inaugurações

PSousa

Querida Margarida.

Espero que esta missiva te encontre de boa saúde.

Há uns dias, quando estava a ler as notícias sobre a crise política, lembrei-me de uma conversa que havíamos tido, sobre a época que antecede o fim dos mandatos e que, normalmente, coincide com as pré-campanhas eleitorais. Não sei se ainda te recordas.

De qualquer modo à noite, já na fase de descanso e de leitura pós-jantar, reli o texto que a seguir te envio por o considerar bastante pertinente sob o ponto de vista das inaugurações e dos estudos efetuados a empreendimentos propostos com os dinheiros públicos.

Foi escrito pelo nosso querido amigo Gonçalo M. Tavares e integra a coleção "O bairro".

Chama-se "A ponte" e é o primeiro de alguns textos sequenciais com o mesmo título.

Despeço-me com afetividade esperando notícias em breve.

O teu grande amigo

FC

### A ponte 1

- A ideia é a seguinte, senhor chefe. Fazemos duas pontes, uma ao lado da outra. Cada uma delas terá um sentido. Numa ponte os carros vão para lá, na outra os carros vêm para cá. Que lhe parece? Lado a lado, com distância entre elas de menos de cinquenta metros. Dá para dizer adeus de uma para a outra. Seriam como duas pontes irmãs. Duas pontes inéditas na Europa!

- E mesmo no mundo.

- No mundo!

O chefe abanou a cabeça e apostou um longo silêncio. Depois, com a voz grave, disse:

- Ainda antes das soluções engenhosas deve estar a preocupação com o dinheiro que se gasta. Porque o dinheiro que se gasta não é nosso, é da população.

- Muito bem chefe.

- Bonito.

- Sendo assim, em vez de duas pontes proponho que se faça uma apenas, com dois sentidos – disse o Chefe.

- Bravo! Excelente ideia, senhor Chefe.

- Impressionante.

- Passamos os gastos para metade – acrescentou.

- Pelas minhas contas, assim de cabeça, exatamente cinquenta por cento – concordou o Auxiliar.

- Bravo, senhor Chefe!

- Agora, é o momento de anunciamos que conseguimos reduzir os gastos deste empreendimento para metade. Para que a população veja como zelamos pelo dinheiro comum.

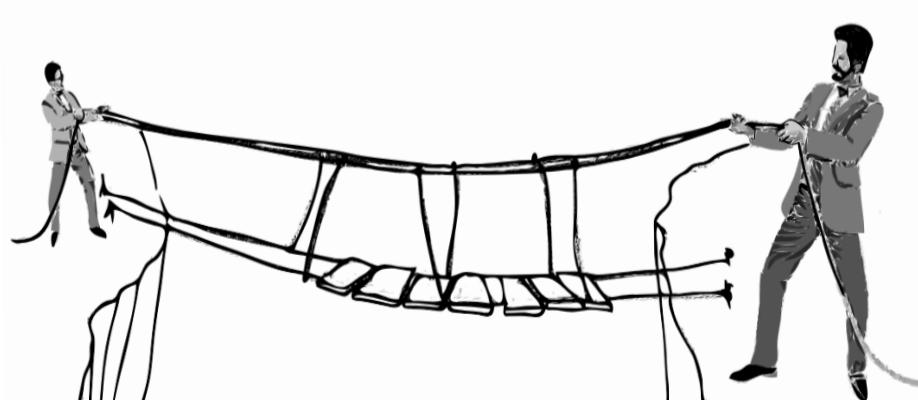
- Muito bem.

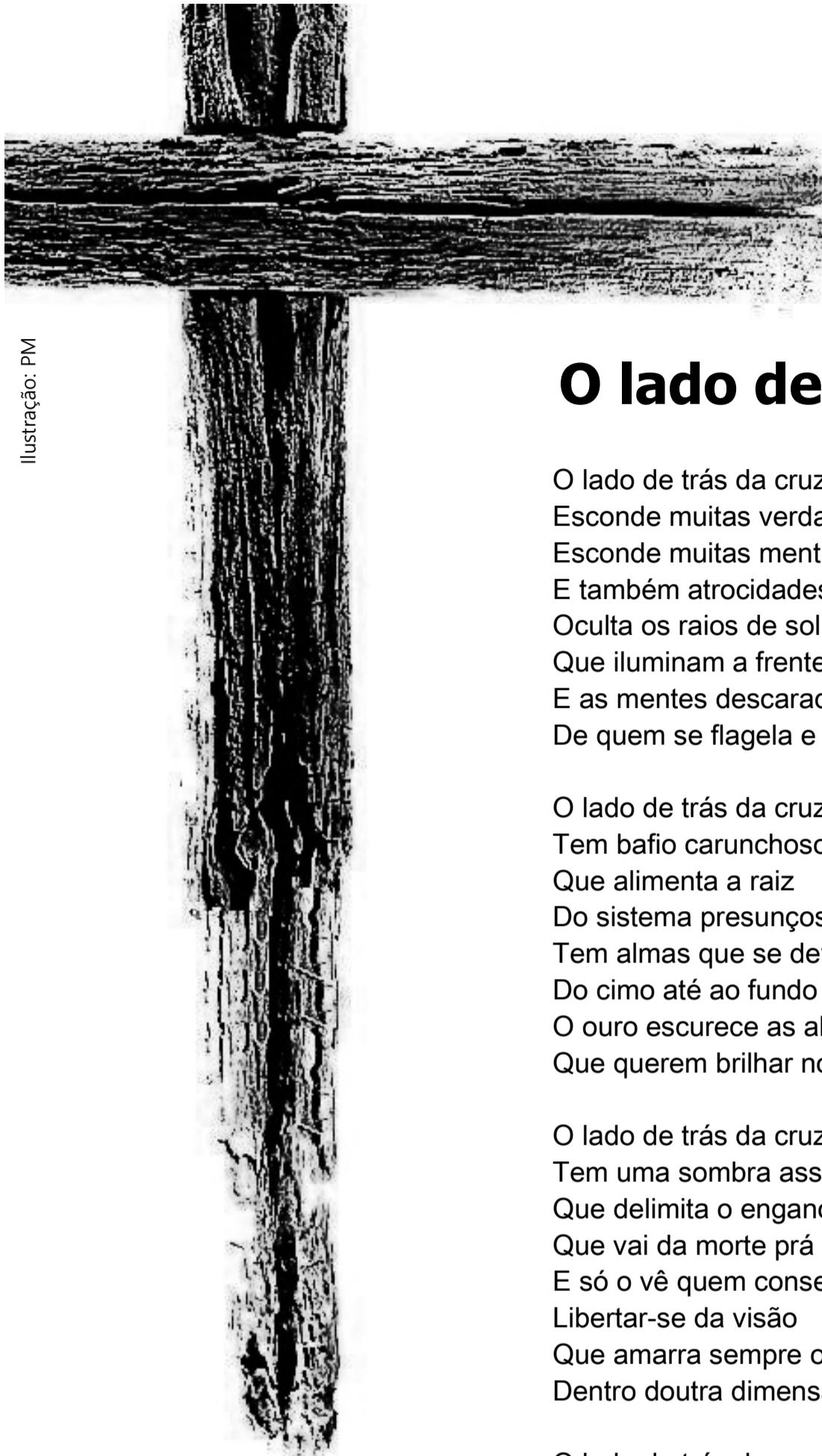
- Só tenho pena – disse o chefe – de que os meus excelentes Auxiliares não tenham proposto de início três pontes em vez de duas. Se tivesse sido assim, hoje, poderíamos anunciar a redução dos gastos para um terço.

- Tem razão, senhor Chefe.

- Falhámos?... – murmurou o Auxiliar, baixando os olhos, envergonhado.

Fonte: Gonçalo M. Tavares in: *O bairro do senhor Brecht*





## O lado de trás da cruz

O lado de trás da cruz  
Esconde muitas verdades  
Esconde muitas mentiras  
E também atrocidades  
Oculta os raios de sol  
Que iluminam a frente  
E as mentes descaradas  
De quem se flagela e mente

O lado de trás da cruz  
Tem bafio carunchoso  
Que alimenta a raiz  
Do sistema presunçoso  
Tem almas que se devoram  
Do cimo até ao fundo  
O ouro escurece as almas  
Que querem brilhar no mundo.

O lado de trás da cruz  
Tem uma sombra assumida  
Que delimita o engano  
Que vai da morte prá vida  
E só o vê quem consegue  
Libertar-se da visão  
Que amarra sempre o olhar  
Dentro doutra dimensão.

O lado de trás da cruz  
É liso mas não macio  
De se encostar às batinas  
Durante anos a fio  
Porque a devoção obriga  
Que ocultem tentações  
Ocultem credos e vícios  
Desejos e erecções.

O lado frontal da cruz  
É só morte e sofrimento  
Apanágio deprimente  
Mas que traz contentamento  
A quem pendura ao pescoço  
Um fio com cruz dourada  
Em cima da mulher nua  
Às tantas da madrugada.

E nas voltas que a cruz dá  
Entre dois corpos em chamas  
O cristo de olhos fechados  
Rebola em cima das mamas  
E em cada gemido intenso  
Com suor na cruz molhada  
Abrem-se os olhos de espanto  
Com o ritmo da toada.

Ai se a Eva fosse viva  
Diria bem certamente  
Que a maçã foi a origem  
Que fez crescer a semente  
E o pecado original  
De quem nasce mas sem culpa  
Obriga a quem apregoa  
Um pedido de desculpa.

E tudo seria mais simples!  
Mas calma na presunção  
Que ainda ninguém ouviu  
A narrativa do Adão  
Uma mulher e dois filhos  
Sendo o Abel e o Caim  
E um morre por ciúmes!?  
Agora falo por mim:

Entre incesto e pecado  
Isto é a pura verdade  
Uma mulher e dois homens  
Dão origem à humanidade?  
Que raio de confusão  
Criaram nas nossas mentes  
Quantos filhos teve a Eva  
Com mistura de parentes?

Porque se foram só dois  
E o Caim matou Abel  
Restaram Adão e filho  
Para a tal lua-de-mel  
Mas se ambos tinham juízo  
Sem tentação indecente  
A cruz não pode existir  
Nem pode ter trás e frente.

António F. Pina

## Gazeta Milha 12 Estatuto Editorial

### Preâmbulo:

O *Milha 12* é uma publicação periódica de relevância cariz cultural, que se constitui como um espaço de opinião e livre, de todos e para todos. A linguagem nela contida deve ser clara, não ofensiva e de respeito mútuo entre escritor e leitor. Não serão por isso considerados todos e quaisquer textos que possam conter obscenidades ou ataques pessoais que se constituam como violência gratuita ou passíveis de incitamento à violação dos direitos consagrados na Constituição Portuguesa.

### 1. Objetivos:

Tudo quanto será publicado, deve partir de uma noção de relevância: o que o público considera importante, seja em âmbito local, nacional ou internacional, com a "missão" de contribuir para o desenvolvimento cultural do público em geral, através da promoção e divulgação de ideias e opiniões.

### 2. Direitos e deveres:

O *Milha 12* orienta-se por padrões de ética e idoneidade através:

- do direito reservado de combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como crimes;
- do dever de rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da ascendência, cor, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social, idade, sexo, género ou orientação sexual;
- do direito de fazer uso do contraditório;

Para cumprir os objetivos a que se propõe, no *Milha 12*, serão observados os princípios gerais de política editorial e normas de publicação a seguir indicados:

### 3. Finalidade

Estas instruções foram escritas com a finalidade de ajudar a preparar o trabalho para o *Milha 12*. O seu objetivo é assegurar que os textos publicados tenham o aspeto gráfico pretendido pela equipa colaboradora desta publicação e possam passar pelas fases de pré-imprensa e impressão de forma rápida e eficiente.

Assim, determina-se que todos os documentos devem ser entregues em formato digital, para o email [milhadoze@gmail.com](mailto:milhadoze@gmail.com), segundo as normas a seguir indicadas, quer para o texto, quer para as figuras, conforme disposto nos pontos 5 a 10.

### 4. Atividade

Toda a atividade do *Milha 12* desenvolver-se-á nos domínio cultural, artístico, científico e pedagógico-didático com vista à edição e produção textual que representem e se constituam como uma mais valia no desenvolvimento social do leitor. Os textos a editar chegarão ao *Milha 12* por convite ou iniciativa dos/a autores para a escrita de textos temáticos. Os tetos não devem exceder os 1500 caracteres.

### 5. Prioridade

Constituem-se como prioridade todos os textos que aflorem conteúdos ou se baseiam em factos, acontecimentos, eventos locais e regionais, de cariz informativo e com relevância social.

### 6. Publicação

As edições do *Milha 12* são publicadas em acesso aberto e estão sujeitas ao estabelecimento de preço por forma a ser rentabilizada e ter em consideração as condições do mercado livreiro específico. Para tal, serão procuradas as melhores formas de distribuição e comercialização (protocolos, contratos, parcerias e/ou distribuição direta). As edições serão em Língua Portuguesa, seguindo o acordo ortográfico de 1990, salvo se a utilização de qualquer Língua Estrangeira estiver relacionada com o conteúdo do texto escrito e se configure como impreterível e essencial para o mesmo.

### 7. Organização do documento

Os textos e as figuras (gráficos, equações matemáticas, fotos, desenhos, tabelas, etc.) devem ser gravados individualmente e enviados por "partes", separados de forma perceptível de modo a que, seja fácil fazer corresponder o texto e as figuras. As figuras, não devem ultrapassar a «mancha» horizontal do formato A3 e devem estar numeradas pela ordem em que surgem no texto bem como apresentar as respetivas legendas e créditos autorais.

### 8. Documento

No *Milha 12* serão publicados todos os tipos de texto (poesia, crónica, conto, artigo de opinião, comentário, entrevista,...) e todos os géneros e subgéneros textuais (narrativa, descrição, argumentação, explicação e diálogo).

Os originais devem ser apresentados em Microsoft Word e enviados para o email [milhadoze@gmail.com](mailto:milhadoze@gmail.com) (até 15 dias antes da publicação).

### 9. Qualidade das imagens e grafismos

Qualquer elemento gráfico que faça parte de um texto ou constitua por si um contributo isolado como fotografia, desenho, pintura ou pictograma deve ser enviado separadamente do texto em ficheiro próprio com uma qualidade e resolução igual ou superior a 300 dpi e em formato PNG ou JPEG, identificando o autor e eventualmente, se necessário, a respetiva legenda.

### 10. Princípios

O *Milha 12* deve pautar os seus textos pelos princípios de Liberdade, Equidade, Independência, Transparência, Lealdade pelos leitores e Ética Moral e Religiosa. Sempre que um texto for suscetível de interpretações antagónicas, deve o *Milha 12* fazer constar todos os pontos de vista, que até ele, possam chegar.



# dos 7 aos 17

Rosa Melo

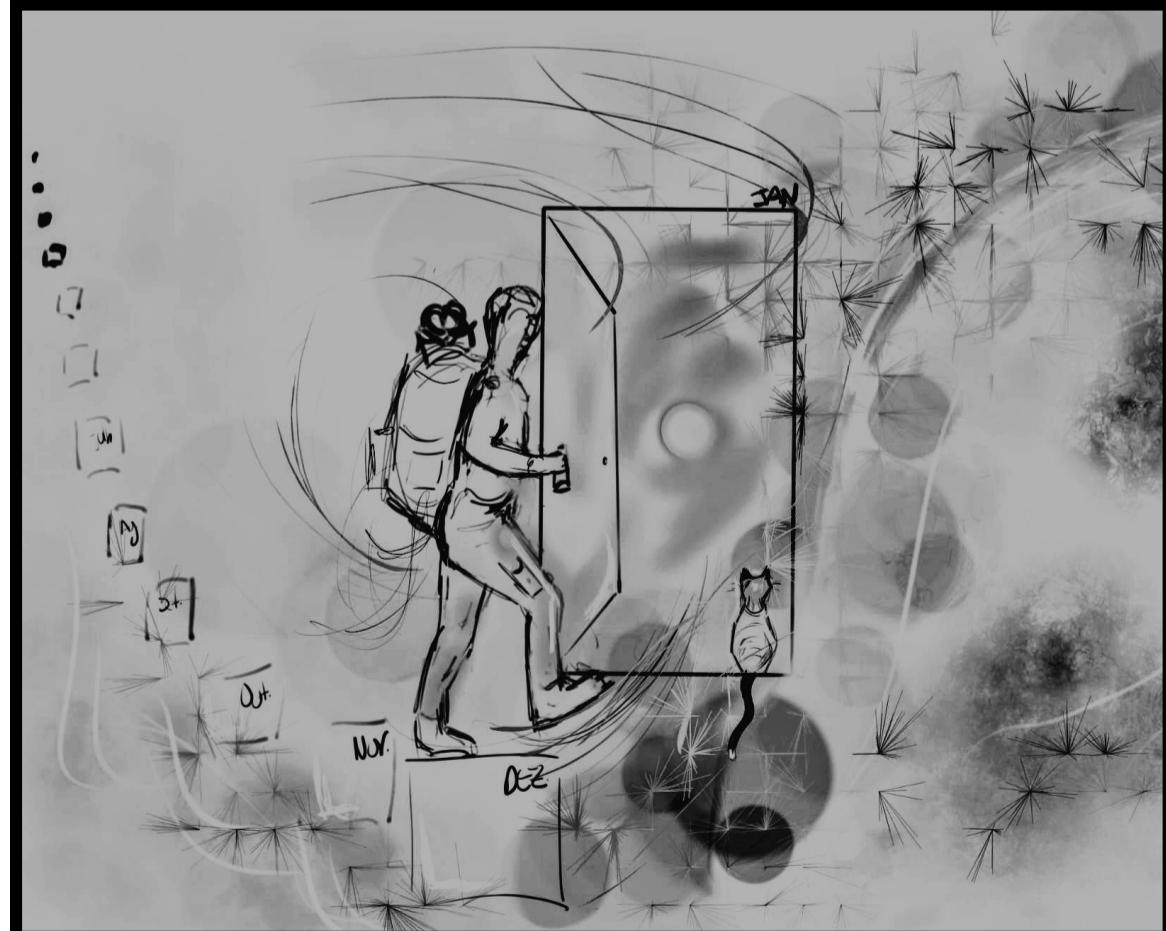
quanta varanda  
assombro meu – agora  
que em dez anos as não vi  
todas e sempre fechadas  
não fosse a vida entrar  
aos saltos por ali dentro  
a gargalhar connosco  
crianças  
de negro uniformizadas  
porquê porquê  
mas atentai  
- plenas de sol e riso  
afrontando espartanas fuças  
efígies temíveis aos olhos pequeninos  
sim afinal  
tanta soturnidade falhou  
não logrou  
roubar alegrias reinações

no dia em que de lá saí  
quisera voltar atrás  
ainda hoje gostava  
de entrar sozinha ali  
nessa casa veneranda  
p'ra falar alto correr  
e abrir de par em par  
toda e cada varanda



Fotografia José Brandão de Sousa

Ilustração: Soraia Besteiro



## O último mês do ano

Helena Terra

Dezembro é um mês especial.  
O último do calendário gregoriano  
Mês de celebração do Natal.  
O mês seguinte marca o novo ano  
Árvores, luzinhas e presentes  
Não limpam da memória os que estão ausentes!

No último dia comes as passas  
Brindas a um novo ano,  
Sabendo que por muito que faças,  
É possível que comece um novo engano,  
Porque um novo ano, não é um Ano Novo...  
E este é o anseio do Povo!

É o mês da Santa Luzia,  
No qual se pede a luz e boa vista  
Pedindo-se o milagre para o que já não vê e via.  
Passa-se o ano em revista...  
Fazemos planos para melhorar,  
Mesmo adivinhando que poderemos a falhar!

**A leitura do Milha 12 é nociva para a ignorância!**



## S e d e

a força impetuosa das coxas  
guardando o ardor das águas  
a ânsia cristal das louças  
esperando o tremor de um beijo  
e a rumorosa sombra do oiro  
mordendo a lenta luz  
dos meus dedos  
oh quem me dera que a humidade  
da tua boca transborde  
e os teus lábios levados pelas aves  
aliviem a sede das minhas mãos tremendas

José Carlos Soares

No teu abraço  
Me envolvo e repouso,  
Recompondo-me do cansaço...  
No teu ombro me deixo deter,  
Escondida nos teus braços com brandura.  
Sinto o teu coração a bater  
E, ao seu ritmo, acalmo minha amargura.

Os teus braços protegem-me de qualquer perigo.  
O teu peito faz-me arder de calor...  
É tão inebriante que não consigo  
Saber se é amizade ou amor...  
E sei que o que nos faz sentir  
É bom, tão bom que não me vais desmentir.

Helena Terra



Pintura Fernando Veloso